

COMÉRCIO INTERNACIONAL

EUA pagam o preço do tarifaço de Trump

Estratégia do presidente norte-americano afetou mais a economia do país que governa

» PEDRO JOSÉ*

Empresas e consumidores norte-americanos foram os que pagaram a maior parte do custo econômico do aumento das tarifas de importações promovido, desde o ano passado pelo governo de Donald Trump. É o que revela um estudo do Federal Reserve Bank of New York. O levantamento, assinado pelas economistas Mary Amiti, Chris Flanagan, Sebastian Heise e David E. Weinstein, aponta que, entre janeiro e agosto de 2025, cerca de 94% dos custos das tarifas foram repassados internamente. Nos meses seguintes, exportadores estrangeiros passaram a absorver parcela um pouco maior. Ainda assim, o repasse doméstico permaneceu em torno de 86%. “Esse resultado significa que uma tarifa de 10% causou apenas uma redução de 0,6 ponto percentual nos preços de exportação estrangeiros”, registram os autores no estudo. Segundo o levantamento, após 2 de abril — batizado de Dia da Libertação —, a tarifa média de importação dos Estados Unidos saltou de 2,6% para 13%. Apesar de isenções e ajustes nas cadeias produtivas terem reduzido a tarifa efetiva, o impacto principal permaneceu concentrado na economia americana. A pesquisa também identificou mudança nas cadeias globais de produção, com deslocamento de fornecedores da China para países como México e Vietnã. A análise considerou dados

Win McNamee/AFP



Trump amarga os efeitos indesejados do “Dia da Libertação”, 2 de abril, em que anunciou o tarifaço

mensais até novembro de 2025 e comparou variações anuais nos preços de exportação com mudanças nas alíquotas tarifárias, controlando tendências globais e setoriais.

Bumerangue

Ao anunciar o tarifaço, Trump alegou que os Estados Unidos eram injustiçados por taxas de importação muito baixas, que deixavam o país deficitário no comércio internacional. Ele acabou por sofrer um efeito boomerang, com consequências negativas

para seu próprio governo, contribuindo para a sua rejeição. Pesquisa do Pew Research Center mostra que mais de 70% dos adultos nos Estados Unidos classificam as condições econômicas como regulares ou ruins, enquanto 52% afirmam que as políticas econômicas de Donald Trump pioraram a situação. Diante da pressão econômica e da queda nos índices de aprovação antes das eleições legislativas de novembro de 2025 nos Estados Unidos, Donald Trump avalia reduzir parte das tarifas sobre aço e alumínio. Em 2025, as alíquotas chegaram

a até 50% e passaram a incidir também sobre produtos fabricados com esses metais, como eletrodomésticos e utensílios domésticos. Reportagem do *Financial Times* indica que integrantes do Departamento de Comércio e do escritório do representante comercial dos Estados Unidos reconheceram que as tarifas passaram a impactar diretamente o consumidor, elevando preços de bens de uso cotidiano. O governo concedeu isenções para alguns produtos alimentícios e firmou acordos pontuais, inclusive, com a China, para aliviar o mercado interno.

Impacto no Brasil

No Brasil, apesar da enorme lista de tarifas elevadas, o cenário é positivo. Trump anunciou em julho do ano passado uma tarifa de 50% sobre uma lista de mais de 2 mil produtos brasileiros importados pelos norte-americanos. O anúncio foi feito por meio de uma carta endereçada diretamente ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em um tom mais político do que econômico, em defesa do ex-presidente Jair Bolsonaro. Mesmo assim, as exportações brasileiras alcançaram US\$ 348,7 bilhões em 2025, superando em US\$ 9 bilhões o recorde anterior, de 2023, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Secex/Mdic). Em relação a 2024, o crescimento foi de 3,5% em valor e de 5,7% em volume, percentual acima da projeção de 2,4% da Organização Mundial do Comércio para o comércio global. O vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, afirmou, na semana passada, que o resultado está associado à diversificação de mercados e a acordos comerciais firmados pelo país. Mais de 40 mercados registraram recordes de compras de produtos brasileiros, entre eles Canadá, Índia, Turquia, Paraguai, Uruguai, Suíça, Paquistão e Noruega. “Chegamos a quase US\$ 349 bilhões, mesmo com o tarifário americano, o que mostrou como é importante diversificar mercados”, declarou Alckmin. Ele destacou os acordos Mercosul-Singapura, Mercosul-EFTA e Mercosul-União Europeia, que está em fase de aprovação no Parlamento. **[PJ*]**

*Estagiário sob a supervisão de Edla Lula

Brasil S/A

por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

Algo grande aconteceu

Um grupo pequeno de líderes empresariais, economistas, juristas e intelectuais, incomodados com a modorra da cena política e a falta de interesse dos partidos em pensar o Brasil para todos e não para seus interesses eleitorais imediatos, começa a discutir caminhos a construir para superar o domínio da mediocridade que nos consome. É muito bom que isso aconteça porque, enquanto o noticiário fala de escândalos seriados, disputas no STF, de cálculos eleitorais de curtíssimo prazo que não dizem respeito à totalidade da sociedade, uma transformação estrutural já alterou o eixo da economia global. Não é previsão de cenários nem tertúlias acadêmicas. É fato. A inteligência deixou de ser apenas atributo humano e tornou-se infraestrutura produtiva. Essa é a mudança central do nosso tempo. Modelos avançados de inteligência artificial (IA) já se envolvem com a programação de sistemas complexos, a descoberta de novas moléculas, da gestão de cadeias logísticas globais, da avaliação de risco financeiro e da formulação de estratégias empresariais. Trilhões de dólares estão sendo direcionados à construção de data centers, semicondutores e infraestrutura energética para sustentar a nova camada cognitiva da economia. Cadeias globais de produção são reconfiguradas sob essa lógica. Inteligência, agora, é fator de produção escalável. E a nova vantagem comparativa das nações não será apenas energia, capital ou mão de obra. Ela será a capacidade de orquestrar a inteligência agêntica — ou seja, a execução de tarefas multi-etapas com autonomia —, sobre a infraestrutura produtiva. Os países que integrarem computação avançada, energia abundante e cadeias industriais ganharão produtividade, autonomia estratégica e poder de negociação. Os demais fornecerão insumos. Serão cavalos para os cavaleiros da nova era: as bigtechs, a China, EUA. Essa mudança é comparável às grandes revoluções industriais. A 1ª ampliou a força física. A 2ª expandiu a energia. A 3ª digitalizou os processos. A atual amplia a capacidade de raciocínio aplicada à produção. Trata-se de uma transição de regime. E nós com isso? Temos uma das matrizes elétricas mais limpas do planeta. Disponemos de água abundante, território, minerais críticos e base industrial que, apesar de incompleta, ainda existe. Temos sistema financeiro sofisticado, centros de pesquisa relevantes e um setor empresarial que sabe operar em ambientes adversos. Só não temos projeto claro para integrar esses ativos à nova infraestrutura da inteligência. Enquanto isso, a política nacional permanece entretida com a sua própria espuma. Escândalos envolvendo espertalhões, as suspeitas sobre relações opacas entre agentes públicos e privados, disputas personalistas na corte suprema, o populismo descarado e cálculos eleitorais táticos ocupam o centro do debate. A cada novo ato discutível, a confiança nos poderes se desgasta e a percepção de que as instituições servem ao interesse público e não a arranjos circunstanciais se enfraquece. Essa combinação é perigosa. De um lado, a economia global se reorganiza em torno da IA como infraestrutura. De outro, o nosso sistema político opera como se estivessemos na lógica da década passada, disputando orçamento, cargos, emendas e narrativas. O descompasso parece óbvio. A transformação tecnológica não espera a maturação institucional.

Orquestração da inteligência

As classes profissionais que sempre se viram como cognitivamente dominantes, como advogados, analistas, programadores, economistas, jornalistas, suspeitam que sistemas automatizados já superam seu desempenho em tarefas centrais. Isso não significa fim do trabalho humano, mas o fim da escassez de certas competências intelectuais. Quando a inteligência se torna farta e escalável, o diferencial deixa de ser saber fazer e passa a ser organizar a construção. De energia, dados, produção e capital sob uma arquitetura estratégica coerente. Organizar o Estado para ser catalisador e não obstáculo. Organizar a sociedade para a transição gerar inclusão produtiva e não apenas concentração de renda e poder. A nova disputa geopolítica não é por território ou por reservas energéticas. É por quem controla a orquestração da inteligência aplicada à infraestrutura produtiva. Sem essa camada, a soberania torna-se parcial. Com ela, mesmo economias médias podem ampliar sua relevância e proteger seus interesses. Se optarmos pela inércia, seremos fornecedores de energia para data centers estrangeiros e de minerais para as cadeias produtivas que agregam valor fora. Continuaremos dependentes de decisões tomadas por Pequim e Washington. Se optarmos por estratégia, podemos nos tornar relevantes na economia da inteligência, combinando energia limpa, indústria e tecnologia aplicada à produtividade. Mas como? Estratégia exige liderança. Exige reconhecer que o país enfrenta uma transição estrutural e que o debate público atual é insuficiente para respondê-la. Exige dizer basta à mediocridade, que se limita à espuma do dia e ao alheamento diante de relações espúrias que corroem a confiança popular nos poderes. Exige restaurar a ideia de que instituições existem para preparar o futuro, não apenas para administrar crises. O custo do atraso institucional é invisível no curto prazo, mas devastador no longo. E longo, a esta altura, se conta em anos. Manifesta-se em crescimento medíocre, em produtividade estagnada, em fuga de talentos, em investimentos cancelados. Manifesta-se na sensação difusa de que estamos sempre reagindo e nunca liderando. O mundo já atravessou a fronteira da inteligência agêntica. Não se trata de entusiasmo tecnológico nem de alarmismo. Trata-se de reorganização concreta do capital, da indústria e do poder. Não se pergunta se essa transformação ocorrerá. Indaga-se é sobre quem a liderará e quem ficará à margem. Sem respostas, vamos encolher. Podemos continuar entretidos com escândalos e disputas episódicas — e sobre quem é fascista, quem é populista — enquanto a estrutura da economia global se redefine. Ou podemos formular a linguagem da transformação disruptiva, a estratégia e arquitetura institucional necessárias para atuarmos como protagonistas. É um roteiro que orienta o pensamento dos brasileiros preocupados com o país. Na agenda de quem pensa o Brasil estão temas como a criação de infra computacional nacional, política industrial orientada à IA aplicada e a modernização do Estado com sistemas inteligentes. A história raramente abre janelas longas de oportunidades. Esta já está aberta, mas não permanecerá assim indefinidamente.